CRIAR PODER POPULAR

um legado chileno para as esquerdas latino-americanas dos dias atuais¹

Create popular power: a chilean legacy for the Latin American left of the current days

MARTINS, José Renato Vieira²

Resumo: o artigo discute as experiências das esquerdas chilenas de construção de organizações classistas de autodefesa dos trabalhadores ante a ofensiva dos agrupamentos fascistas no governo Salvador Allende (1970-1973); analisa os cordões industriais e os acampamentos - formas embrionárias de poder popular - impulsionados em resposta ao recrudescimento da luta de classes; finalmente, discute as heranças desses experimentos para a esquerda brasileira nos dias que correm.

Palavras-chave: Golpe. Poder popular. Cordões industriais. Acampamentos.

Abstract: This article discusses the experiences of Chilean leftists in the construction of self-defense classist organizations for workers, faced with the offensive of fascist groups during Salvador Allende's government (1970-1973); analyzes the industrial cordons and the campsites - embryonic forms of popular power - driven in response to the upsurge of class struggle; finally, it discusses the legacies of those experiments for the Brazilian left in these days.

Keywords: Coup d'etat. Popular power. Industrial cordons. Campsites.

¹ Recebido em: 10 jul. Aceito em: 15 set. 2018

²Doutor em Ciência Política (USP). Professor Adjunto do Instituto Latino-Americano de Economia, Estado e Sociedade (ILAESP) e do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). renatovieiramartins@gmail.com

Introdução

O aumento das mobilizações sociais durante o governo Salvador Allende (1970-1973) se expressou através do número crescente de greves e grevistas, de invasão de terras e propriedades agrícolas, de ocupação de terrenos urbanos e de fábricas. O avanço das lutas sociais vinha ocorrendo desde o governo Eduardo Frei (1964 – 1970), que se viu obrigado a formular um audacioso plano de Reforma Agrária para conter o assenso do progressismo e se contrapor à montante das demandas populares. No governo da Unidade Popular, com o acirramento da luta de classes e dos confrontos políticos, as mobilizações se multiplicaram. Em 1972, o número de ocupações de fábricas chegou a 263, e as manifestações de rua, contra e a favor do governo, se tornaram diárias. Em meio ao clima de “festa e caos” que tomou conta do país, as tensões políticas se exacerbaram, opondo os partidários da “revolução dentro da legalidade” aos partidários da “construção do poder popular”. 45 anos depois do golpe de Estado (11/09/1973), que legado ficou para as esquerdas latino-americanas daqueles anos de glória da esquerda chilena?

Expressões do Poder Popular

O principal legado das esquerdas chilenas para as suas congêneres latino-americanas foram as organizações de poder popular. As formas de expressão desses experimentos revolucionários foram múltiplas. As Juntas de Abastecimento e Preços (JAPs), os Comitês Locais de Unidade Popular (CUPs), os Acampamentos e os Cordões Industriais foram as principais. Certas experiências adquiriram dinâmica própria e se tornaram independentes do governo, dos partidos majoritários e dos sindicatos, como foi o caso dos Acampamentos e dos Cordões Industriais. Outras resultaram de iniciativas oficiais, e sua criação constava do programa de governo da UP. As Juntas de Abastecimento e Preços (JAPs), por exemplo, foram organismos ligados aos Ministério da Economia para combater o mercado negro e o desabastecimento provocado pela sabotagem econômica dos empresários contrários ao governo.

Prudentemente, o governo atribuiu aos CUPs a tarefa de “preparar o caminho” para o exercício do poder popular, conforme consta do programa da Unidade Popular. A maior parte desses Comitês não prosperou, ou funcionou minimamente, não alcançando a almejada unidade de classe. O governo desencorajou a multiplicação dos Comitês, assim como de outras formas de organização pela base. A autonomia do poder popular criava arestas e gerava desconforto no governo e nos dois maiores partidos da Unidade Popular. Com o acirramento dos confrontos pró e contra o governo, principalmente depois do locaute de outubro de 1972, os Partidos Comunista e Socialista, juntamente com a CUT, redobram esforços para apoiar algumas dessas iniciativas. Mas era tarde demais, o golpe estava em andamento.

Juntas de Abastecimento e Preços

As Juntas de Abastecimento e Preços foram organizações criadas nos bairros operários, integradas por comissões de moradores, com o objetivo de impedir a especulação de preços, combater o mercado negro e o monopólio da distribuição de gêneros de primeira necessidade. Em 1972, existiam em Santiago 675 JAPs. Mais de 1.000 foram criadas em todo o país. 60% da carne e 30% das aves em Santiago eram distribuídas através das JAPs. Essas organizações operavam em parceria com as agências de distribuição estatal. O Ministério da Economia era responsável pela coordenação das Juntas. Embora numerosas, as Juntas de Abastecimento e Preços não alcançaram a mesma importância estratégica, nem o mesmo nível de consciência política dos Cordões. No geral, eram dominadas por associações de pequenos comerciantes.

Em Santiago, cerca de 8.000 pequenos comerciantes colaboravam com as JAPs. O Partido Comunista chegou a ter influência sobre muitas delas. Esse tipo de organização era mais fácil de controlar que os Cordões Industriais, pois dependiam diretamente do Estado. Nem por isso deixaram de ter um importante papel na formação de líderes locais. Em março de 1972, se realizou um grande encontro de representantes das JAPs em Santiago. As JAPs tiveram peso importante na mobilização contra o desabastecimento causado pelo locaute dos caminhoneiros, em outubro de 1972. Elas tinham um poder de mobilização às vezes superior às formas tradicionais de organização sindical e partidária.

Mulheres e donas de casa participaram ativamente das JAPs, conferindo a elas uma dimensão de gênero ausente de muitas organizações tradicionais das esquerdas de então.

Acampamentos

Os acampamentos nasceram das ocupações dos terrenos urbanos na luta dos *pobladores* por moradia popular. Também eram chamados *poblaciones*. Manuel Castells identificou no movimento dos *pobladores* um dos aspectos mais específicos da luta de classes chilena daquele período. Para este sociólogo espanhol, que viveu no Chile nos anos da UP, as *poblaciones* constituíam um fato social de difícil caracterização pelas ciências sociais. Ora considerado como clientela eleitoral da direita, ora como reduto dos radicais de esquerda, o movimento desafiava as análises tradicionais, progressistas ou conservadoras, quanto a sua real natureza de classe.

A crise de moradia e o *déficit* habitacional se ampliaram nas décadas anteriores ao governo da Unidade Popular. O fenômeno estava associado a problemas econômicos da mineração, razão do crescente êxodo rural, desde os anos 30. As formas precárias de habitação que se multiplicaram no país não eram muito distintas das conhecidas no Brasil. Os *conventillos* constituíam uma forma de habitação similar aos nossos cortiços. Eles estavam presentes nas regiões centrais de Santiago e serviam como residência, com densa ocupação e múltiplas famílias em um único imóvel. Conformavam um reduto das classes populares, em regiões e edifícios deteriorados do centro da cidade. Em 1970, quase 65 mil chilenos viviam nessas condições na grande Santiago.

As *calampas* eram ocupações, espontâneas e descontroladas, de indivíduos ou grupos, dos terrenos periféricos, sem nenhuma infraestrutura. Finalmente, havia as *poblaciones* – aglomerações resultantes de ocupações (*toma*) de terrenos como forma de pressão sobre o governo para a realização de programas habitacionais. Eram muito mais propensas à politização e à radicalização que as outras formas de moradia popular. Os acampamentos carregavam o estigma da marginalidade, posto que se localizavam na periferia de Santiago e outras grandes cidades do país. Mas como revelou Castells, os *pobladores* não eram marginais, mas indivíduos oriundos da classe operária,

especialmente de trabalhadores de baixa renda da indústria de transformação e da construção civil.

Para os Teóricos da Marginalidade, os *pobladores* constituíam um contingente impossível de ser integrado à sociedade moderna, às suas organizações democráticas e aos conflitos sociais típicos do capitalismo. De origem rural, na maioria iletrados, vivendo em precárias condições na periferia de Santiago, esses indivíduos deviam ser alvo de políticas assistências do Estado. Não poderiam se organizar de modo autônomo, dependiam das políticas sociais para se estabilizar e estavam condenados a permanecer nas margens da sociedade, tutelados pelo Estado. Ao caracterizar a sua origem social entre a classe trabalhadora, Castells procedeu um giro teórico de consequências práticas.

Universo poblacional

Em 1970, o número de habitantes das *poblaciones* era de 332.040 chilenos. Castells analisou a composição social de 11 *poblaciones* para compreender a relação entre a prática social presente no *universo poblacional* e os diferentes tipos de ideologia existentes no grupo. Ele observou que esta influência era muito forte no caso da “participação política”, média, no caso da “participação sindical” e quase nula, entre “grupos de vizinhos”. Constatou ainda que as diferenças ideológicas variavam conforme a posição social dos indivíduos no interior do grupo. Entre os *pobladores obreros*, a “identificação de classe” prevalecia sobre a “ideologia popular”. Por sua vez, o sentimento de pertencimento ao “povo” e não à “classe” era mais forte entre grupos de vizinhos (mesmo quando formado por maioria de operários).

Castells concluiu que o *universo poblacional* não desembocava automaticamente em uma concentração do *lupem proletariado*, conforme formulado pela sociologia marxista, nem de indivíduos que precisavam ser tutelados, como estabelecido pela teoria da marginalidade. Antes disso, ele constituía um agrupamento caracterizado pela heterogeneidade de setores populares na qual uma fração determinada da classe operária (trabalhadores industriais de baixa renda) ocupava um lugar destaque. Tal universo, ao contrário do que se pensava, não dava lugar a uma subcultura específica, particular dos acampamentos, mas estavam sujeitos ao mesmo ritmo ideológico e político dos processos

gerais da luta de classes da sociedade como um todo. Isto é, estavam propensos a se organizar e mobilizar tal qual os demais setores sociais.

O importante a reter sobre o movimento dos *pobladores* é a constatação de que a condição operária e a ideologia de classes penetraram o universo *poblacional* e acabaram por prevalecer sobre a ideologia popular. Ao expressar as condições gerais da luta de classes e os processos políticos nacionais, presentes em uma conjuntura de radicalização política e ideológica, o movimento de *pobladores* se politizou e se radicalizou na mesma medida. Até então determinado por uma crise estrutural de moradia, de caráter reivindicativo e dirigido ao Estado, o movimento dos *pobladores* se converteu em uma das expressões da radicalização política das classes dominadas, sendo projetado pelos partidos de esquerda que disputavam a sua direção ao centro da disputa política nacional.

A relação da Unidade Popular com o movimento era ambígua. A gigantesca ocupação de La Florida, em Santiago, foi organizada, em janeiro de 1970, pelo PC e PS, os dois grandes partidos operários da UP. Esta ocupação passou pela mesma metamorfose política das demais, neste caso por iniciativa do Comitê de Unidade Popular (CUPs), permanecendo sempre sobre o controle do PC e PS. Paralelamente, os movimentos organizados e controlados pelo MIR, como Nueva La Habana, se radicalizaram cada vez mais, expressando o aprofundamento das divisões das esquerdas chilenas.

Cordões Industriais

Os Cordões Industriais foram a contribuição mais original que as esquerdas chilenas ofereceram ao movimento revolucionário internacional. Em Vida e Morte do Chile Popular, Alain Touraine analisou a sua importância para as lutas sociais do período. O ponto central a reter dessa experiência são as tensões surgidas no seio das esquerdas, que segundo Touraine estavam divididas entre “governar o país” ou realizar o “levante popular”. Estas tensões chegaram ao limite com a experiência dos Cordões Industriais.

O primeiro e mais conhecido Cordão Industrial criado nos anos da Unidade Popular foi o cordão de Cerrillos-Maipu. Muitos surgiram posteriormente, como os de Vicuña MacKenna, Macul, Mapocho, Santiago Centro, etc. Todos eles foram organizações de base

territorial, que penetravam e se espalhavam pelo espaço urbano, não só da capital, Santiago, como de outras grandes cidades. Alguns abrigavam um grande número de fábricas e oficinas, com forte presença operária. Outros, o pequeno comércio e serviços diversos. Todos se caracterizavam pela expressiva presença popular e importantes contingentes de trabalhadores industriais.

Estudos sociológicos sobre os Cordões Industriais revelam uma realidade complexa, composta por segmentos majoritários das classes trabalhadoras, principalmente de operários das fábricas ocupadas, mas também por setores populares, gente desempregada, trabalhadores informais e conta-própria, assim como segmentos da pequena burguesia, da classe média e da classe média baixa. As organizações de esquerda disputavam a hegemonia da organização e direção dos Comandos Comunais dos Cordões. Alguns deles eram controlados pelo MIR, outros pela Esquerda Socialista, pela Esquerda Cristã ou pelo MAPU Operário e Camponês. Outros ainda, estavam sob a influência de organizações regionais da CUT, do PC e do PS. Os Cordões expressavam a consciência de classe dos trabalhadores chilenos. Constituíram um experimento único do progressismo latino-americano.

Com a crise de desabastecimento que sobreveio ao locaute dos empresários do setor de transportes, em outubro de 1972, esse componente classista dos Cordões ficou ainda mais evidente. Em resposta ao locaute, ação realizada com o apoio da CIA e preparada por associações de empresários que combatiam o governo, os Cordões passaram a combinar as lutas de ocupação, autogestão e organização da produção nas fábricas, com as tarefas de distribuição dos gêneros de primeira necessidade entre a população local. Diante das ações terroristas praticadas por agrupamentos fascistas, muitos Cordões criaram os seus próprios mecanismos de autodefesa, inclusive armados. Com a evolução dos confrontos, eles passaram a configurar uma situação embrionária de dualidade de poder, situação típica dos demais processos revolucionários do século XX. As decisões aprovadas em assembleias apontavam para a unidade de classe. A despeito das diferenças políticas existentes entre os partidos e movimentos que o integravam, os Cordões constituíram um experimento classista e unitário.

A contradição em processo

Da articulação entre os diferentes Cordões, surgiu a Coordenadora Provincial de Cordões Industriais, cujo papel consistia em planejar e realizar ações unitárias. Ao Cordão de Cerrillos-Maipú, o mais forte e organizado de todos, coube a presidência da Coordenadora. O governo, os partidos da UP e a CUT não viam com bons olhos a radicalização crescente dos Cordões Industriais. O clima de desconfiança entre eles se ampliou quando os partidos de direita aprovaram a Lei de Controle de Armas e o governo autorizou a invasão de alguns Cordões e Acampamentos por carabineros, o que causou confrontos violentos e resultou na morte de trabalhadores. Neste ambiente de crescente antagonismo, enquanto o governo alertava para os riscos de uma guerra civil e pedia moderação aos trabalhadores, os Cordões Industriais planejavam a ocupação de novas fábricas e exigiam do governo a incorporação ao setor social das empresas que sabotavam a economia e a construção do socialismo.

Semanas antes do Golpe, uma carta endereçada a Allende pela Coordenadora Provincial dos Cordões Industriais mostrou a que ponto o clima de desconfiança entre eles havia chegado. A tensão crescente revelava o aprofundamento da divisão das esquerdas. A promessa de revolução dentro da ordem se deparou com a realidade da contrarrevolução, da sabotagem econômica e da conspiração estrangeira. Quando isto aconteceu, as escolhas políticas se estreitaram enormemente. Ou bem se buscavam entendimentos políticos e alguma forma de conciliação com os partidos de centro, o que colocaria em risco a construção do socialismo, caindo no reformismo burguês, ou bem se tentava fortalecer o poder popular, jogando o peso do governo e dos partidos de esquerda para apoiar esses experimentos revolucionários, sob pena de romper com a legalidade. Tal dilema acompanhou o governo Allende até o seu final dramático.

Tensões entre as esquerdas

A relação dos partidos de esquerda e da CUT com as organizações de poder popular foi ambígua, contraditória e cambiante. Enquanto o Partido Comunista, o Partido

Socialista e a Central Única dos Trabalhadores viam com alguma reserva parte destes experimentos, o MIR, a Esquerda Socialista e setores do MAPU os encorajavam. Para os agrupamentos da esquerda, a relação do governo da Unidade Popular com as massas estava desequilibrada. Miguel Enríquez, líder máximo do MIR, criticava o lugar subalterno reservado pelo governo às organizações dos trabalhadores e das classes populares. Para o secretário geral do MIR, a resistência de Allende em conferir maior protagonismo às organizações sociais representava uma ameaça à continuidade da revolução chilena. O grito de guerra dos miristas se consagrou entre as esquerdas latino-americanas de então: “*crear, crear, crear, poder popular*”. Apesar de minoritário no arco das forças de esquerda, o MIR teve um influente papel no curso dos acontecimentos políticos daqueles anos – tanto para o bem quanto para o mal.

Ao mesmo tempo, o governo via com grande preocupação a “infiltração esquerdista” nas *poblaciones e nos cordones*. Allende oscilou entre o pragmatismo e o temor diante desses movimentos, acentuando a divisão das esquerdas quanto aos rumos táticos a seguir. As diferenças entre eles eram de ordem política. Dois acampamentos controlados pelo MIR, em Concepción e Santiago, enfrentaram uma duríssima repressão policial, mas resistiram e acabaram vitoriosos. A experiência fortaleceu a convicção entre estes setores de que o recurso à luta armada era um caminho inevitável a ser seguido para se levar a cabo a transformação socialista da sociedade chilena. Os acampamentos passaram a ser considerados pelos miristas como potenciais zonas liberadas, apoiadas e defendidas por milícias populares. “Casa ou Morte”, e “Da tomada do terreno à tomada do poder” eram palavras de ordem do MIR que traduziam essa visão.

A posição da esquerda revolucionária tinha a seu favor um lastro histórico e uma coerência teórica que faltavam aos partidários da revolução dentro da ordem. Entretanto, a despeito da maior aderência à conjuntura política do momento, a abordagem prevalecente entre as organizações da esquerda revolucionária, de cunho marxista-leninista, com os seus partidos de quadros profissionalizados, centralizados e disciplinados, também tinha contradições, e não estava isenta de voluntarismos e ambiguidades. Por maior que fosse o peso social e a consciência política da classe trabalhadora, os Cordões e os Acampamentos constituíam movimentos de massas, eram organismos muito mais amplos que os estreitos modelos organizativos da esquerda, com suas milícias clandestinas, seus verticalismos e vanguardismos. As experiências

revolucionárias anteriores não deixavam dúvida quanto aos riscos desse modelo, no qual o partido substitui a classe e o secretário geral, convertido em farol dos povos, substitui a todos, inaugurando a tirania.

Companheiro Allende

Em 1983, decorridos dez anos do golpe de Estado, Manuel Antonio Garretón e Tomás Moulian escreveram um texto de balanço da experiência do progressismo nos anos da Unidade Popular. “Sem reivindicar esse período da história”, afirmaram, “não haverá política de esquerda no Chile. Tampouco haverá se quiser repeti-lo”. Para eles, as contradições no seio das esquerdas estavam por toda parte, eram de ordem tática e estratégica, confrontavam visões diferentes do Estado, das classes, dos partidos e dos movimentos sociais. Mas a inflexão principal entre elas referia-se à oposição entre os defensores da Revolução dentro da ordem, de um lado, e os partidários do Poder popular, de outro. Essa diferença central se manifestou na relação do governo e dos partidos de esquerda com as múltiplas experiências de organizações de poder popular protagonizadas pelas classes populares e trabalhadoras.

A poucos dias do golpe de Estado, a Coordenadora Provincial de Cordões Industriais enviou uma carta a Allende, o “presidente companheiro”, onde as diferenças entre o governo e o “polo revolucionário” eram visíveis: Diziam:

Companheiro Salvador Allende,

Chegou o momento em que a classe trabalhadora organizada na Coordenada Provincial de Cordões Industriais, no Comando Provincial de Abastecimento Direto e na Frente Única de Trabalhadores considerou urgente dirigir-se ao senhor, alarmados pelo desencadeamento de uma série de acontecimentos que nos levará não só à liquidação do processo revolucionário, mas também a um regime fascista de corte implacável e criminoso.

Antes, tínhamos o temor de que o processo ao socialismo se estava transando para chegar a um governo de centro, reformista, democrático-burguês que tendia a desmobilizar as massas ou levá-las a ações insurrecionais de tipo anárquico por instinto de preservação.

Mas agora, analisando os últimos acontecimentos, nosso temor já não é este; agora temos certeza de que vamos em uma descendente que nos levará inevitavelmente ao fascismo.

Por isso procedemos a enumerar as medidas que, como representantes da classe trabalhadora, consideramos imprescindível tomar.

Em primeiro lugar, companheiro, exigimos que se cumpra o programa da Unidade Popular. Em 1970 nós não votamos por um homem, votamos por um Programa.

Em seguida, no mesmo tom direto, após citar trechos do programa de Governo da Unidade Popular, a carta prossegue:

Fala-se no programa de uma nova Constituição Política, de uma Câmara Única, da Assembleia Popular, de um Tribunal Supremo com membros indicados pela Assembleia Popular. No programa se indica que será rechaçado o emprego das Forças Armadas para oprimir o povo.

Companheiro Allende, se não indicássemos que essas frases são citações do Programa da Unidade Popular, que era um programa mínimo para a classe, neste momento nos diriam que esta é a linguagem “ultra” dos cordões industriais.

Mas nós perguntamos, onde está o novo Estado? A nova Constituição Política? A Câmara Única? A Assembleia Popular? Os Tribunais Supremos?

Passaram três anos, companheiro Allende, e o senhor não se apoiou nas massas e agora nós, os trabalhadores, temos desconfiança.

Os trabalhadores sentimos uma profunda frustração e desalento quando seu Presidente, seu Governo, seus Partidos, suas Organizações, lhes dão uma e outra vez a ordem de recuar em vez da voz de avançar. Nós exigimos que não somente nos informem, mas que também nos consultem sobre as decisões, que ao fim e ao cabo, são decisivas para nosso destino.

Após denunciar a falta de punição dos militares golpistas e dos grupos fascistas que praticavam, com o apoio da CIA, ações terroristas, atos de sabotagens e assassinatos de trabalhadores, a Confederação exigia:

Frente à greve dos caminhoneiros, a requisição imediata dos caminhões, sem devolução, pelos organismos de massa e a criação de uma Empresa Estatal de Transporte, para que nunca mais esteja nas mãos desses bandidos a possibilidade de paralisar o país;

Frente à greve criminosa do Colégio Médico, exigimos que se aplique a Lei de Segurança Interna do Estado, para que nunca mais esteja nas mãos desses

mercenários da saúde, a vida de nossas mulheres e filhos. Todo apoio aos médicos patriotas.

Frente à greve dos comerciantes, que não se repita o erro de outubro, em que não explicitamos que não necessitamos deles como grêmio. Que se ponha fim à possibilidade de que estes traficantes mancomunados com os caminhoneiros pretendam sitiar o povo por fome. Que se estabeleça de uma vez por todas a distribuição direta, os armazéns populares, a cesta básica popular. Que se passe para a área social as indústrias alimentícias que ainda estão nas mãos do povo.

Frente a área social: Que apenas não se devolva nenhuma empresa onde exista a vontade majoritária dos trabalhadores de que elas sigam sob intervenção, mas também que esta área passe a ser a área predominante da economia. Que se fixe uma nova política de preços. Que a produção e distribuição das indústrias da área social seja discriminada. Não mais produção de luxo para a burguesia. Que se exerça verdadeiro controle operário dentro delas

Exigimos que se derogue a Lei de Controle de Armas. Nova “Lei Maldita” que só serviu para ultrajar os trabalhadores, com os chamamentos praticados nas fábricas e nos bairros, que está servindo como ensaio geral para os setores reacionários, contrários a classe operária, com a intenção de intimidá-los e identificar seus dirigentes.

Frente a desumana repressão aos marinheiros de Valparaíso e Talcahuano, exigimos a imediata liberdade destes irmãos de classe heroicos, cujos nomes já estavam gravados nas páginas da história do Chile. Que se identifique e castigue os culpados.

Frente as torturas e mortes de nossos irmãos camponeses de Cautín, exigimos um julgamento público e o castigo correspondente aos responsáveis.

Para todos os implicados em tentativas de derrubar o Governo legítimo, a pena máxima.

Frente ao conflito do Canal 9 de TV, que este meio de comunicação dos trabalhadores não se entregue nem se transe por nenhum motivo.

Protestamos pela destituição do companheiro Jaime Faivovic, subsecretário de Transportes.

Pedimos que através de você se manifeste todo nosso apoio ao Embaixador de Cuba, companheiro Maria García Incháustegui e a todos os companheiros cubanos perseguidos pela reação e que lhes ofereça nossos bairros proletários para que ali estabeleçam sua embaixada e residência como forma de agradecer a esse povo o que chegou a se privar de sua ração de pão para ajudar-nos em nossa luta. Que se expulse o Embaixador norte-americano, que através de seu staff, do Pentágono, da CIA, da ITT, proporciona provavelmente instruções e financiamento aos golpistas.

Exigimos a defesa e proteção de Carlos Altamirando, Mario Palestro, Miguel Enríquez, Oscar Garretón, perseguidos pela direita e pela Fiscalia Naval por defender valentemente os direitos do povo, com ou sem uniforme.

Coordenadora Provincial de Cordões Industriais

*Comando Provincial de Abastecimento Direto
Frente Única de Trabajadores em Conflicto*

Aí estão, uma a uma, as diferenças que dividiam as esquerdas chilenas, separadas entre os partidários da luta armada e os da via eleitoral, os defensores da revolução social e os adeptos do reformismo do Estado, do poder popular e da conciliação de classe.

Comentários finais

O debate entre os partidários da via pacífica e os partidários do poder popular que dividiu as esquerdas chilenas daqueles tempos continua ecoando nos dias atuais. Algum motivo deve haver para tal persistência. De fato, certos traços daquela conjuntura, caracterizada pelo confronto entre projetos nacionais antagônicos, permanecem presentes, como é o caso da ingerência do imperialismo na região e da volta dos golpes de estado. A necessidade de superação das diferenças entre as esquerdas é a grande lição daquelas lutas. Allende defendeu até o fim a sua revolução pacífica. Sitiado pela direita e questionado pela esquerda, ele nunca fez um gesto ameaçador contrário aos seus companheiros. Considerava, intimamente, que estavam equivocados, confundiam as necessidades com as possibilidades e avaliavam incorretamente a correlação de forças. Mas não recorreu a expurgos. Não traiu. Permaneceu leal a si e aos seus. Deixou um exemplo para todos. Hoje, no mundo todo, hospitais, praças, escolas, avenidas e ruas levam o seu nome: Salvador Allende, o presidente companheiro dos chilenos. Seu exemplo e suas últimas palavras ecoam por toda América Latina:

Trabajadores de mi patria, tengo fe en Chile y en su destino. Superarán otros hombres este momento gris y amargo en el que la traición pretende imponerse. Sigán ustedes sabiendo que, mucho más temprano que tarde, de nuevo se abrirán las grandes alamedas por donde pase el hombre libre, para construir una sociedad mejor. Viva Chile! Viva el pueblo! Vivan los Trabajadores!

Bibliografia

CASTELLS, Manuel. (1973). *Movimiento de pobladores y lucha de clases*, in EURE, Revista Latinoamericana de estudios urbano sociales, Vol. III..

MARTINS, JRV. (1976). Chile. Coleção *Nossa América Nuestra*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

TOURAINE, Alain. (1974). *Vida y muerte del Chile popular*. Siglo Veintiuno Editores. México DF, 1974.